

Entre rios e narrativas: práticas socioculturais e formação docente no Marajó

Entre ríos y narraciones: prácticas socioculturales y formación docente en Marajó

Elicarla Feio Silva¹

Adalberto Brito Figueiredo²

Patrícia Karoline Pinheiro³

Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues⁴

Resumo

Utilizar práticas socioculturais como lendas e músicas possibilita um desenvolvimento mais relevante no processo de ensino e aprendizagem. Em Soure, na Ilha do Marajó, contar histórias e ouvir músicas fazem parte do cotidiano. Por essa razão, este trabalho tem como objetivo demonstrar as potencialidades da música (toada) articulada à lenda da “Matinta Perêra” também personagem do imaginário marajoara. Assim, em nossa metodologia realizamos a cantoria da toada juntamente com a contação de história, baseando-nos no livro “dramaturgia no Marajó”, de Lucio Sarmiento. Desenvolvemos o jogo “trilha da matinta Perêra” e finalizamos com a produção textual de lendas que circulam pela comunidade. A atividade foi desenvolvida no segundo semestre de 2019, em uma turma de 5º ano do ensino fundamental, localizada em Soure, na Ilha do Marajó (PA), a partir do projeto de pesquisa “Alfabetização, letramentos e docência na Amazônia” (IEMCI/UFPA). Como resultados, percebemos que a maioria dos alunos tem circulado bem pelos gêneros lenda e canção, demonstrando conhecimentos, por exemplo, a respeito das lendas e toadas oriundas da região amazônica, e através do enredo delas tão presentes no cotidiano dos alunos, foi possível escrever histórias fazendo uso dos aspectos verbal e imagético potencializando a imaginação na interface com os personagens encantados. A participação no jogo também possibilitou maior interação alunos, docente e não-bolsistas. A turma foi desafiada no sentido do trabalho em equipe possibilitando respostas relevantes aos diferentes questionamentos favorecidos pela trilha interdisciplinar. Dessa maneira, podemos ressaltar a importância do trabalho envolvendo perspectivas outras dando visibilidade às comunidades da Amazônia paraense em ações que levem em conta os estudos decoloniais.

Palavras-chave: Contação de História; Lenda; Música.

¹ Graduanda em licenciatura Integrada em Ciências Matemática e Linguagens – IEMCI/UFPA; Soure, Pará, Brasil; elicarla65@gmail.com

² Graduando em licenciatura integrada em Ciências, Matemática e linguagens – IEMCI/UFPA; Soure, Pará, Brasil; adalbertobrito2011@gmail.com

³ Graduada em Ciências Naturais – UFPA e docente (SEMED-Soure); Soure, Pará, Brasil; Patriciakpinheiroparfor@gmail.com

⁴ Doutora em Educação – UFPA/IEMCI; Belém, Pará, Brasil; irodrigues@ufpa.br

Resumen

El uso de prácticas socioculturales como las leyendas y la música permite un desarrollo más relevante en el proceso de enseñanza y aprendizaje. En Soure, en la isla de Marajó, contar historias y escuchar música son parte de la vida cotidiana. Por esta razón, este trabajo pretende demostrar el potencial de la música (toada) articulada a la leyenda de "Matinta Perêra", también un personaje del imaginario marajoara. Así, en nuestra metodología realizamos el canto del toada junto con el relato de la historia, basado en el libro "dramaturgia en Marajó", de Lucio Sarmento. Desarrollamos el juego "rastros de matinta Perêra" y terminamos con la producción textual de las leyendas que circulan en la comunidad. La actividad se desarrolló en el segundo semestre de 2019, en una clase de la escuela primaria de 5º grado, ubicada en Soure, en la isla de Marajó (PA), a partir del proyecto de investigación "Alfabetización, alfabetización y enseñanza en la Amazonía" (IEMCI/UFGA). Como resultado, notamos que la mayoría de los estudiantes han circulado bien por los géneros de leyenda y canción, demostrando conocimiento, por ejemplo, sobre las leyendas y toadas de la región amazónica, y a través de la trama de ellas tan presente en la vida cotidiana de los estudiantes, fue posible escribir historias haciendo uso de los aspectos verbales e imaginativos potenciando la imaginación en la interfaz con los personajes encantados. La participación en el juego también hizo posible una mayor interacción entre estudiantes, profesores y no académicos. La clase fue desafiada en el sentido de trabajo en equipo permitiendo respuestas relevantes a las diferentes preguntas favorecidas por el camino interdisciplinario. De esta manera, podemos destacar la importancia del trabajo que involucra otras perspectivas dando visibilidad a las comunidades de la región amazónica en acciones que toman en cuenta los estudios descoloniales.

Palabras clave: Narración de la historia; Leyenda; Música.

1. Introdução

O presente relato é a socialização dos resultados a partir das ações desenvolvidas no projeto de pesquisa "Alfabetização, letramentos e docência na Amazônia" (IEMCI/UFGA) com uma turma do 5º ano. O objetivo foi analisar as potencialidades da música (toada) articulada ao trabalho da tríade oralidade, leitura e escrita a partir do gênero discursivo lenda e música nas relações com personagens do imaginário marajoara. Optou-se pelo trabalho com os gêneros discursivos música e lenda pelo fato de eles se constituírem nas práticas socioculturais imbricadas no cotidiano da comunidade marajoara e por circularem também na escola pela socialização entre os alunos nos intervalos das aulas.

Os encaminhamentos poderiam criar condições favoráveis às práticas pedagógicas pautados nos estudos decoloniais que tematizam a valorização das identidades dos povos que sempre viveram às margens. Isso significa dizer que as comunidades da Amazônia paraense, em ações que contemplem os saberes locais nos diálogos com saberes globais podem visibilizar diferentes e potentes formas de se construir e divulgar os conhecimentos. Assim, oportunizar atividades que venham a dialogar com os saberes dos povos ribeirinhos criam condições para um ambiente mais relevante, ético, engajado, principalmente, se articularmos com a música e com a contação de história que mobilizam a oralidade. Portanto, ao abordamos os estudos dos gêneros discursivos Bakhtin (1953) pautados nos estudos decoloniais Walsh (2013), vivenciamos a valorização das identidades que perpassam as narrativas e as relações cotidianas dos alunos, sem hierarquizar as formas de trabalho docente que, por vezes, reiteram as formas eurocêntricas de conceber o conhecimento, modos de ser e de viver dos sujeitos.

A preocupação com a singularidade de saberes das comunidades ribeirinhas passou a ser percebida no momento em que as práticas docentes destinadas aos alunos se relacionavam com suas vivências. As ações ganharam projeção com as discussões apoiadas nos estudos decoloniais. Se antes os povos ribeirinhos eram silenciados, os estudos decoloniais nos

favorecem como estratégias para valorização das histórias dos povos ribeirinhos, caboclos marajoaras e afrodescendentes. O elo estabelecido com os saberes ancestrais, na intencionalidade de manter identidade historicamente marginalizada nas lutas e resistência contra as lógicas opressivas da colonialidade. Dessa maneira, dialogamos com os estudos de Walsh, (2013), Busatto (2003), Abramovich (1995), Moreira (2014), Fazenda (2003), Bordignon & Paim (2015).

2. Metodologia

Durante o assessoramento realizado no mês de outubro de 2019, os educadores organizaram uma didática decolonial através da escuta da música de “Matinta Perêra”, a primeira etapa se constituiu em ouvir a toada (estilo musical muito escutado e dançado na região amazônica) da “Matinta Perêra”. Em seguida, organizaram uma roda de conversa para falarem do ser encantado para as crianças, aprofundando os conhecimentos iniciais que elas já tinham da Matinta Perêra. A segunda etapa foi de contação da lenda da “Matinta Perêra”:

Algun tempo atrás, na cidade de Soure, haviam três padeiros, que tinham a missão de entregar pães em bairros diferentes da cidade. Porém, nem um deles queria entregar no bairro do Puá, pois escutava-se que por ali nas madrugadas escuras um ser encantado aparecia, era a Matinta Perêra... então, os padeiros resolveram fazer a entrega de pães juntos, e nesse mesmo dia, eles a encontraram. Ela deu uma surra neles, até eles prometerem tabaco a ela... no dia seguinte, uma velha bateu na porta da padaria pedindo tabaco, e assim, eles descobriram a existência da Matinta Perêra. (SARMENTO, 2014, p. 73 - 90).

A terceira etapa foi a aplicação de um jogo “trilha da Matinta Perêra”. O objetivo foi dialogar com a interdisciplinaridade, posto que

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

Na quarta e última etapa, foi sugerido aos alunos que escrevessem e desenhassem alguma história que eles tivessem ouvido de seus familiares ou amigos a respeito da Matinta Perêra. Alguns optaram por fazer a atividade na versão oral e escrita considerando que já sabiam outras versões da referida lenda.

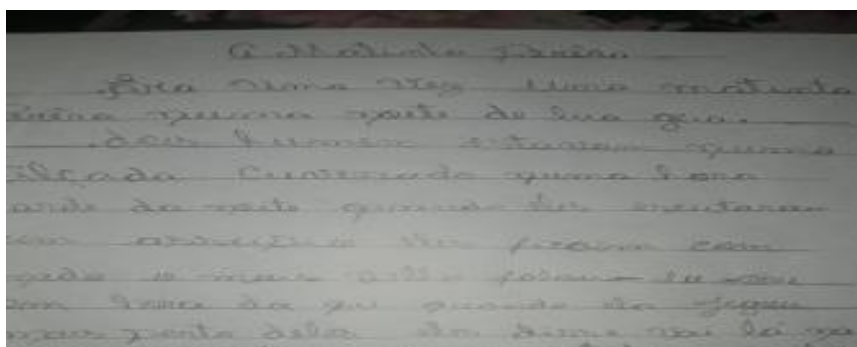
3. Resultados

Verificamos que os alunos puderam confrontar suas hipóteses sobre a música e a lenda. Eles conseguiram dialogar e recontar a lenda utilizando outras versões. Isso pelo fato de o gênero enredar muitas trajetórias de vida dos seus familiares. Segundo Moreira *et al* (2014, p. 48), “As atividades musicais nas escolas devem partir do que as crianças já conhecem desta forma se desenvolve dentro das condições e possibilidades de trabalho de cada professor”. Por isso, que nas práticas educativas deve-se investir na interdisciplinaridade. A lenda foi aproveitada como uma estratégia interdisciplinar, considerando que a “Interdisciplinaridade é uma nova atitude ante a questão do conhecimento, de abertura para compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender, exigindo uma profunda imersão no trabalho cotidiano, na prática

[...]” (FAZENDA, 2003, p.09). Assim, ela se baseia na mobilização dos conhecimentos das diferentes áreas articuladas às vivências que permeiam as práticas do docente ao viver a educação.

Dessa forma, “a trilha da Matinta Perêra” envolveu perguntas possibilitando a interação com aos alunos. Além disso, as crianças tiveram como explorar a língua portuguesa através da leitura das perguntas e das respostas mobilizando conhecimentos de outras áreas. Diante disso, foram encaminhadas diferentes atividades, sob o viés da linguagem (oralidade, leitura e escrita) pautadas na música e na lenda que já rodeavam nas suas comunidades e expandindo as discussões. Os alunos tiveram que criar um campo semântico favorecendo a construção de sentidos através da escrita e desenhos que representavam a lenda da Matinta Perêra. Eles podiam escrever sobre lenda da Matinta a partir da contação feita pelos seus familiares, amigos ou até mesmo recontar a lenda apresentada em sala de aula pelos licenciandos (não-bolsistas).

Segundo os estudos de Bordignon e Paim (2015), o processo de aquisição da escrita pela criança necessita ser compreendido a partir de contextos culturais e históricos de desenvolvimento e inserção dos sujeitos humanos. Assim, há necessidade de apresentar uma diversidade textual aos alunos e explorá-la de várias maneiras para que eles possam construir sentidos ao que é lido, contado e discutido.



A Matinta Perera

Era uma vez uma matinta perera numa noite de lua geia. Dois humem estavam numa calçada cuversando numa hora tarde da noite quando eles escutaram um assubio. Eles ficaram com medo. O mais velho falou _ eu vou em bora da qui quando ela jegou mais perto deles eles disse vai lá na casa pra ti pois cá atabaco e ela quando ela jegou ela eles corero de e fim.

Figura 1- Produção textual
Fonte: Pesquisa de campo

4. Conclusão

A pesquisa nos mostrou que as atividades desenvolvidas pautadas nas práticas socioculturais e presentes nas comunidades dos alunos nos diálogos com as diferentes áreas do conhecimento valorizam as identidades dos envolvidos e os desafiam. Aliado a isso, a interdisciplinaridade proporciona um campo semântico que potencializa saberes que convergem nas ações desenvolvidas pelo docente em parceria com os licenciandos.

Por conta do exposto, a formação (inicial e continuada) precisa mobilizar situações didáticas que favoreçam o intercâmbio universidade e educação básica em momentos de estudo,

escrita colaborativa e ações em prol do processo de ensino e aprendizagem dos alunos (crianças, jovens e adultos). Isso significa investir nas problematizações com as dinâmicas escolares e das comunidades ao redor em prol das aprendizagens.

Os estudos decoloniais procuram valorizar os diálogos necessários a uma formação docente que traga para discussão a diversidade de maneira ética, estética e simétrica. Por isso, articular saberes e fazeres que não se hierarquizam é um dos muitos desafios que temos enfrentado junto com os docentes da educação básica, formadores e parcerias do projeto.

Referências

ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 2.ed. São Paulo: Scipione; 1991. (Capítulo de livro)

ALVES, J. L. S. *GRUTEMA – Dramaturgia no Marajó, Peças de Lúcio Sarmiento*. Soure – Marajó, PA. 2014. (Capítulo de livro)

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. (1ª edição de 1929). Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004. (Obra completa)

BORDIGNON, L. H. C; PAIM, M. M. W. *O processo de aquisição da escrita pela criança: dialogando com alexander romanovich luria*. 2015. (Obra completa)

BUSATTO, C. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. (Obra completa)

FAZENDA, I. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* – São Paulo: Paulus, 2003. (Capítulo de livro)

MOREIRA, A. C; SANTOS, H; COELHO, I. *A música na sala de aula - a música como recurso didático*. UNISANTA Humanitas – p. 41-61; Vol. 3 nº 1, (2014). (Capítulo de livro)

WALSH, C. (2013). *Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos*. In C. Walsh (Ed.), *Pedagogías decoloniales: Práct.* (Obra completa)